



LUCIA BEATRIZ DE MATTOS CONE

Entrevista realizada no dia 3 de março de 2020,
na sala de reuniões do Departamento de Tecnologia da Informação
da Procuradoria-Geral de Justiça Militar, em Brasília, via ferramenta
de videoconferência, por Hebert Vilson França e Cláudio Divino Pereira.

Lucia Beatriz de Mattos Cone nasceu em 10 de março de 1948, no Rio de Janeiro. É filha de Arnaldo de Mattos e Dinorah Magalhães de Mattos; e mãe de Marcelo e de Renato.

Concluiu o primário, em 1959. O ginásio e o ensino secundário clássico foram finalizados no Colégio Pedro II, em 1963 e 1966, respectivamente. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito Cândido Mendes, em 1972. Em 1974 participou do I Seminário de Recursos Humanos e do Curso de Direito Civil Especializado, oferecidos pela Escola de Serviço Público do Estado da Guanabara; e dos Cursos de Direito do Trabalho e de Processo Civil, das Faculdades Integradas Estácio de Sá. Em novembro de 1980, esteve presente no evento Ciclo de Conferências e Debates sobre Processo de Execução, realizado pelo Centro de Estudos, Pesquisa e Atualização em Direito. Antes de ingressar no Ministério Público Militar, atuou como professora nos anos de 1966 a 1972. Foi nomeada, em 1982, pelo então ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, em virtude de habilitação no concurso público de provas e títulos, para exercer o cargo de procuradora militar de segunda categoria perante a 1ª Auditoria da 2ª Circunscrição Judiciária Militar (CJM), em São Paulo, capital. Em 13 de setembro de 1984, foi designada para ter exercício perante a 1ª Auditoria da Aeronáutica da 1ª CJM, localizada na cidade do Rio de Janeiro. Removeu-se, a pedido, da 1ª Auditoria da 2ª CJM para a 2ª Auditoria do Exército da 1ª CJM, em 9 de janeiro de 1989. No biênio compreendido entre os anos de 1988 e 1990, participou da 4ª Diretoria da Associação Nacional do Ministério Público Militar (ANMPM), exercendo a função de secretária. Com a vigência da Lei Complementar nº 75, de 20 de maio de 1993, o cargo exercido passou a ser denominado promotora de Justiça Militar. Foi promovida, por merecimento, em 20 de fevereiro de 1995,

ao cargo de procuradora de Justiça Militar. Ocorre nova promoção no ano seguinte, em 5 de fevereiro de 1996, ao cargo de subprocuradora-geral de Justiça Militar, sendo removida por essa razão, ex officio, da 4ª Procuradoria de Justiça Militar no Rio de Janeiro para a sede da Procuradoria-Geral de Justiça Militar, em Brasília, Distrito Federal. Aposentou-se, em seguida, na data de 16 de abril de 1996. Em 2002, foi agraciada na Ordem do Mérito Ministério Público Militar, com o grau de Alta Distinção. Entre 19 de abril e 1º de dezembro de 2004, atuou no cargo em comissão de chefe de Gabinete da Procuradoria-Geral de Justiça Militar e exerceu, ainda, o cargo em comissão de coordenadora do Serviço de Atendimento ao Cidadão na Procuradoria de Justiça Militar do Rio de Janeiro. Finalmente, foi chefe do Serviço de Atendimento ao Cidadão do Ministério Público Militar até 1º de junho de 2018, quando foi exonerada, a pedido.

Memória MPM – Você é natural do Rio mesmo, não é?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Sim, sou do Rio de Janeiro.

Memória MPM – E como é que foi a infância, os primeiros colégios, onde estudou?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – A minha infância foi tranquila e feliz. Morei e fui criada no Méier e estudei na escola pública, República do Peru¹; cursei o ginásio e o clássico no Colégio Pedro II², meu grande sonho. Meus pais me matricularam em um curso que preparava, especialmente, para o Pedro II, e eu ia de bonde, do Méier para o Centro, na Avenida Passos, esquina com a Presidente Vargas.

Memória MPM – Ali perto da Procuradoria³, não é?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Isso mesmo! Passei no concurso do tão almejado Colégio Pedro II, onde cursei o ginásio e o clássico, mas minha mãe queria muito que eu fosse professora. Então fiz concurso para a Escola

¹ Colégio Estadual República do Peru – Rua Arquias Cordeiro, 508, Méier, Rio de Janeiro, RJ.

² Tradicional instituição de ensino – colégio público federal, localizado na Av. Mal. Floriano, 80, Centro, Rio, RJ.

³ A PJM está situada na Av Presidente Vargas, 522 – Centro, Rio de Janeiro, RJ.

Normal e continuei no Pedro II. Portanto, eu fiz os dois, simultaneamente; saía da Escola Normal e ia direto para o Pedro II. Terminei os dois cursos, trabalhei como professora primária e fui fazer pré-vestibular para Português/Inglês.

Memória MPM – Já era premonitório.

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Prestei o Vestibular para Letras, Português/Inglês, mas fui reprovada por um ponto, em Latim. Então, um colega de pré-vestibular, disse-me: “Lucia, tem uma Faculdade de Direito (nesses termos) muito boa ali no Centro, que é a Cândido Mendes⁴. Por que você não tenta Direito?” Eu disse: “Mas, eu queria o Inglês.” Porque eu tinha as minhas aspirações. Tentei e passei para a Faculdade de Direito. Tempos depois, retomei meus estudos de inglês, como hobby. Cursei minha faculdade e formei-me em 1972. Ano seguinte, fiz o Exame da Ordem [Ordem dos Advogados do Brasil] e passei muito bem – sou da turma do primeiro Exame da OAB.

Eu estagiei com um grande advogado civilista, doutor Lindolpho Mendonça de Souza, que foi um pai para mim; me ensinou muito sobre Direito Civil e Processo Civil e sua prática. Ele me animava, e eu me atirava, com vontade e feliz; sabia tudo a respeito dos processos dos clientes e, assim, adquiri muita prática, pois ia, diariamente, ao Fórum. Eu gostava muito do que fazia e advoguei nas áreas Cível e Trabalhista. Tive a oportunidade de trabalhar na Procuradoria-Geral do Estado, especificamente na Procuradoria de Assuntos

⁴ Universidade Cândido Mendes – situada à Rua Rio da Prata, 391 - Bangu, Rio de Janeiro, RJ.

Trabalhistas e Previdenciários, em que era preposta do Estado do Rio de Janeiro e, como tal, fazia as audiências inaugurais perante a Justiça do Trabalho; e, nas audiências de instrução, quando necessário, acompanhava o procurador do Estado e prestava depoimento pessoal. Também trabalhei como advogada na Letra S/A e para algumas empresas que deram muito trabalho, mas esse é o ofício do advogado. Quando a causa é fácil, a vitória não vem com o mesmo sabor! Fiz meu concurso para o MPM e sou, eternamente, grata a uma grande amiga do Rio de Janeiro, membro do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), de nome Arinda Fernandes. É procuradora de Justiça, e a ela devo a minha aprovação para o MPM. Foi ela quem me falou sobre o nosso concurso; telefonou-me e disse: “Beatriz, vai ter um concurso para o Ministério Público Militar, você faz!” E, ainda, insistiu: “Se inscreve! Se inscreve! Você vai passar.” Então eu me inscrevi e, felizmente, passei.

Na ocasião das Provas Orais, fiquei em sua casa, apenas estudando e sendo arguida por ela quando chegava do MPDFT.

Memória MPM – Alguma experiência em Direito Penal Militar?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Nenhuma. Nunca, nem sabia...

Memória MPM – Sabia da existência do Ministério Público Militar?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Não. Eu tive um professor no Colégio Pedro II, um ser humano maravilhoso! Professor Oswaldo. Ele disse aos alunos que

era “Juiz”. Certa vez, eu e alguns colegas do Pedro II fomos fazer uma visita a ele, que exercia a Magistratura em uma das Auditorias do Exército, e ficamos conhecendo o trabalho do nosso professor. Eu, fazer concurso pra Justiça Militar? Nada disso! Bem, talvez para o Ministério Público.

Memória MPM – Quando foi isso?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Isso foi na década de 60: 1965/66. O meu concurso é de 1981, e fui chamada em 82.⁵ Na véspera da minha prova oral, minha amiga disse-me: “Beatriz, vamos assistir à prova, para você conhecer os examinadores”. A oral foi realizada do seguinte modo: segunda e terça, Direito Penal; quarta e quinta, Processo Penal; e sexta, Administrativo e Constitucional. Eu não gostava de assistir; preferia a surpresa, pois ficava nervosa vendo um candidato que não estava indo bem, como de fato vi; e aquilo me assustou. Então fomos para casa. E eu estudando, estudando. Naquela semana, se dormi duas horas, dormi muito. Eu já sou miúda, e fiquei... Gente, vocês precisam ver uma foto minha! Eu fiquei metade do que sou (risos). No dia de meu exame, minha amiga levou-me para a prova, sortear o ponto...

Memória MPM – A senhora lembra quem era a banca examinadora do concurso?

⁵ Nomeada em 1982, pelo então ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, em virtude de habilitação no concurso público de provas e títulos, para exercer o cargo de procuradora militar de segunda categoria junto à 3ª Auditoria da 2ª Circunscrição Judiciária Militar (CJM), em São Paulo, capital. Fonte: Dossiê Funcional do Arquivo/CGD/MPM.

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Lembro. Eram a doutora Marly [Gueiros Leite]⁶, subprocuradora-geral; o doutor Milton [Menezes da Costa Filho]⁷; o representante da OAB, doutor Serralvo; o doutor... Inocência Mártires Coelho, para Direito Constitucional; e, em Direito Administrativo, o doutor Paulo Cesar Cataldo, ministro do STM, em 1984.

Fui sortear o ponto. A sala repleta, eu girando aquele globo, rezando e... caiu o ponto. Meu Deus! Foi... Nunca esqueci, ponto sete: Crimes Contra o Patrimônio. Eu estava muito bem nesse ponto. Pude ouvir minha amiga [Arinda] dizer para alguém: “A Beatriz tá boa nesse ponto”. Mas eu, um pouco, um pouco não, bastante nervosa, querendo demonstrar conhecimento, acabei errando o que sabia! Resultado: tirei sete. Sete em Penal. Em Processo Penal foi só o doutor Milton que arguiu. Eu confesso a vocês que eu tirei um ponto, para mim, péssimo, gente! Tenho a impressão... de que foi Justiça Militar... Foi em tempo de guerra, alguma coisa nesse sentido, e o doutor Milton veio pela parte histórica. Eu não estava bem naquela parte, mas falei pra ele: “O senhor vai ver que eu sei a matéria”. Ele também foi muito bom. Eu disse: “O senhor pode pontuar o que o senhor quiser” – fui atrevida. Ele fez mil perguntas, e eu respondi. Fiz muito bom exame com ele! Assim, considero: muito bom exame! Mas eu já tinha perdido porque, na parte

⁶ Subprocuradora-geral de Justiça Militar, aposentada. Foi promovida ao cargo de subprocuradora-geral de Justiça Militar em 1984. Aposentou-se em fevereiro de 1994. Fonte: Site do Centro de Memória do MPM.

⁷ Subprocurador-Geral de Justiça Militar, aposentado. Foi promovido ao cargo de subprocurador-geral em julho de 1973 e ocupou o cargo de procurador-geral de Justiça Militar entre 27 de abril de 1977 e 1º de abril de 1985; e de 30 de março de 1990 até sua aposentadoria em 9 de fevereiro de 1994. Fonte: Site do Centro de Memória do MPM.

teórica do ponto, eu não fui tão bem e acabei tirando seis. Chegou o dia da oral em Direito Administrativo. Também considero que fui muito bem. Caiu Poder de Polícia, um ponto de que gostava, e o examinador perguntou-me se eu queria perguntas ou dissertação. Disse-lhe que estava ali prestando meu exame, e ele era a autoridade. Assim, comecei a discorrer sobre o tema e, de vez em quando, ele fazia alguma pergunta; fiquei bastante satisfeita com esse exame! Em Constitucional caiu pra mim Poder Judiciário. Uma maravilha! Tive muita sorte com os pontos que sorteei.

E, vejam vocês, eu estava muito boa nesses pontos, mas, falhas de memória acontecem... nervosismo! A primeira pergunta: qual foi a obra que Montesquieu escreveu? Eu não lembrei, de jeito nenhum! O que aconteceu? Fiquei nervosa. Era a última oral; como fui errar logo a primeira questão? Aquilo me deixou insegura. Comecei a responder só para o examinador. A minha amiga pensou que eu estivesse indo mal, começou a chorar (risos). Eu só fui saber disso, no final, mas, graças a Deus, eu também fui muito bem no restante das questões. Tirei sete em Penal, seis em Processo Penal e sete em Administrativo e Constitucional.

Memória MPM – O mínimo eram cinco?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – O mínimo eram cinco. Num concurso em que, tenho impressão de que foram uns 500 e tantos a 600 inscritos. Passamos treze; eu fui a décima terceira. Em uma área totalmente diferente da que eu advogava, que estudei sozinha, sem qualquer curso preparatório, apenas com o material que tinha e alguns livros que me foram emprestados por

dois grandes advogados, meus vizinhos de escritório, e com um livro sobre Processo Penal Militar, que me foi emprestado pelo querido amigo Jorge Luiz Dodaro que, naquela época não me conhecia. Ouvi alguém falar em seu nome e fui ao seu escritório ver o que ele poderia me emprestar – coisas de quem advoga (risos). Estudei muito e considero que esse concurso foi uma dádiva para mim!

Memória MPM – Onde foi a primeira lotação?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Minha primeira lotação foi na 1ª Auditoria, em São Paulo. Eu ia e voltava para o Rio.

Memória MPM – Quanto tempo a senhora ficou na Procuradoria de São Paulo?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Eu fiquei em São Paulo de 82 até o final de 83 ou início de 84; não lembro bem.

Memória MPM – Como era a estrutura da Procuradoria de São Paulo?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Era um prédio pequeno, bem acanhado⁸. Eu dividia a sala com outra colega. Era tão pequena que, quando uma estava à

⁸ A antiga sede da Auditoria Militar em São Paulo estava situada à Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 1249, Bela Vista, São Paulo, SP. Atualmente funciona neste imóvel o Memorial da Luta pela Justiça – Advogados Brasileiros Contra a Ditadura.

mesa, a outra sentava no lugar da visita (risos). Só havia uma mesa e uma cadeira, aliás, duas cadeiras.

Memória MPM – Em São Paulo, houve um caso em que atuou, envolvia o diretor do jornal Estado de São Paulo, Júlio de Mesquita, como foi?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Ele escreveu um editorial em que teria ofendido o ministro Leitão de Abreu, escrevendo que o ministro era lobo em pele de cordeiro: mostrava a pele e escondia os dentes... algo mais ou menos assim.

Memória MPM – Já no Rio de Janeiro, a senhora trabalhou na Auditoria da Aeronáutica e do Exército?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Isso. Eu fui para a 1ª Auditoria da Aeronáutica no Rio, mas, a minha lotação continuou sendo a 1ª Auditoria de São Paulo. Tempos depois, eu soube que haveria uma vaga na 2ª do Exército e fiz um requerimento, para ocupá-la. Na ocasião eu já era a mais antiga e poderia ocupar a vaga o que, realmente, aconteceu.

Memória MPM – Alguma atuação marcante na PJM Rio de Janeiro?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Um caso que me marcou, no Rio, foi o de um tenente aprovado no concurso para Oficial do Exército. Foi assassinado

por quatro soldados, a mando de um capitão, por inveja e perseguição. Foram todos presos e condenados.

Memória MPM – A senhora percebia alguma diferença no tipo da conduta das tropas em São Paulo e no Rio de Janeiro? Os crimes cometidos eram os mesmos?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Era bem diferente. Naquela época, em São Paulo, não tinha volume de trabalho, e os delitos eram outros, de que não me recordo. Tive dois casos da Lei de Segurança Nacional. Acho que em um deles a denúncia foi até rejeitada, recorri e houve o recebimento. Eu me lembro muito pouco de São Paulo.

Memória MPM – E no Rio, a estrutura da Procuradoria era melhor?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Muito melhor. A Aeronáutica era uma boa Auditoria. Depois, officiei na 2ª do Exército e, quando as Auditorias foram unificadas, officiei na 4ª Procuradoria.

Memória MPM – E o fato de ser mulher, atuando na Justiça Militar, a senhora chegou a sentir algum tipo de pressão, de constrangimento?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Nunca! Nunca mesmo. Quando eu estava lotada em São Paulo e atuando no processo do Partido Comunista, certo dia,

senti que estava sendo seguida, mas foi uma única vez e deu para perceber... Sempre que saía da Auditoria, eu ia para o trabalho da minha amiga, e, de lá, íamos juntas para casa. Eu nunca estava só e, quando ia para o Rio, não levava nada referente a trabalho, para não correr qualquer risco.

Memória MPM – A senhora vivenciou esse processo de promulgação da Constituição de 1988, da Lei Complementar 75/93. Qual foi o impacto disso tudo para o Ministério Público?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Muito bom! Foi um renascimento para o Ministério Público que ocupou o seu devido lugar, atuando na defesa da ordem jurídica e dos interesses sociais e individuais, indisponíveis. Eu sempre fiz o que achava ser meu dever e tinha em mente que só devia obrigação à lei e à minha consciência; aliás, sempre tive esse entendimento e assim agi, mesmo antes da promulgação da Constituição de 1988.

Memória MPM – Na sequência a senhora foi promovida a subprocuradora-geral?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Atuei por quatro meses em Brasília. Fui promovida em janeiro e saí em férias. Aposentei em abril de 96. Eu vou dizer uma coisa a vocês: a função do MP de que mais gosto é a de “custos legis”, que exerci em Brasília e, ainda assim, aposentei-me. Nunca me arrependi! Participei de uma ou duas reuniões do nosso Conselho Superior, mas não participei de nenhuma Sessão do STM (Superior Tribunal Militar). Cheguei a pensar: “Acabei não atuando perante o STM”. Quando estava em Brasília,

meu filho mais velho disse-me: “Mãe, se aposenta! Mãe, você vai ficar velha indo e vindo de Brasília (risos). Você vai se acabar, viajando. Acho melhor você se aposentar”. Achei por bem ouvi-lo, requeri minha aposentadoria e parti para novos horizontes. Outros estudos, outros tudo, e sou muito feliz com minha aposentadoria.

Memória MPM – Mas aí em 2004, a senhora volta ao MPM.

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Pois é, são as boas surpresas com que a vida me presenteia! Era o ano de 2004, época de eleição, e a [Maria] Ester [Henriques Tavares]⁹ tinha-se candidatado ao cargo máximo. Recebi um telefonema dela e perguntei-lhe, no meu jeito de ser: “Ester, você vai ser minha chefe?” Ela: “Vou, e tô te convidando para ser minha chefe de Gabinete.” Eu: “Ah, não, não!” (risos). Falei com meus filhos, que disseram: “Mãe, você precisa avaliar muito bem.” Aceitei, e foi um período muito bom, mesmo! Minha atribuição era a de preparar a agenda da [Maria] Ester [Henriques Tavares], estar presente e zelar pelo bom andamento do Gabinete, que era um espetáculo à parte! Todas as servidoras, todas, super dedicadas e competentes; os servidores da recepção, também, muito bons! Enfim, o Gabinete funcionava maravilhosamente bem. Inesquecível! O Jaime [de Cassio Miranda] era o diretor-geral. Foi um convívio de total harmonia, e trabalhávamos visando o bem de nossa Instituição. A Procuradoria toda era muita alegria. Período de bastante trabalho e muita

⁹ Em setembro de 1992, ingressou na carreira do Ministério Público Militar, nomeada para o cargo de procuradora militar de 2ª categoria. Em abril de 2004, foi nomeada ao cargo de procuradora-geral de Justiça Militar, para mandato de dois anos, e reconduzida em abril de 2006. Fonte: Site do Centro de Memória do MPM.

dedicação. O mais prazeroso era a constatação de que tudo era perfeito e todos estavam felizes. Agora, por que é que eu tive que sair? Vocês sabem, não é? Eu ganhava menos de 10% da minha função, e pagava muito caro, muito caro mesmo, para trabalhar. A própria Ester dizia: “Lucinha, vai ficar ruim pra você!” E eu: “Não, Ester, vou segurando...” A Maria Ester Tavares é uma pessoa maravilhosa. É de um coração imenso, excelente chefe, tudo de bom! Eu tive um problema de saúde aí em Brasília, e na época a Ester estava em férias; quem estava na titularidade era a Adriana [Lorandi]¹⁰. Adriana chegou para mim e disse: “Você vai ter que ir pro Rio, Lucia, porque, se você passar mal aqui, eu não vou ter como cuidar de você”. Bem, eu acabei indo para o Rio, onde comecei a me tratar, fazer exames, etc. Quando retornei em agosto, a Ester disse: “Você vem morar comigo!” E eu fui. Nós morávamos no Sudoeste. Foi um período maravilhoso para mim; eu fazia companhia a ela, e ela a mim. Eu só tenho boas recordações daí de Brasília.

Memória MPM – Mas ainda não acabou sua história com a Instituição.

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Houve um encontro do MPM no hotel Laje de Pedra. A Cláudia Márcia [Ramalho Moreira Luz]¹¹, que já estava

¹⁰ Subprocuradora-Geral de Justiça Militar, nomeada procuradora-geral de Justiça Militar em março de 2000. A partir de 2004 exerceu o cargo de vice-procuradora geral, no qual permaneceu até fevereiro de 2008. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 27 de novembro de 2011. Fonte: Site do Centro de Memória do MPM.

¹¹ Nomeada promotora de Justiça Militar em dezembro de 1995, ocupou o cargo de procuradora-geral de Justiça Miliar no período de 2008 a 2012. Fonte: Site do Centro de memória do MPM.

pretendendo candidatar-se a procuradora-geral, perguntou-me: “Lucia, você quer ser minha chefe de Gabinete?” Eu: “Ah, Cláudia, pelo amor de Deus, vou ter que ir para Brasília”. Mas, depois ela disse: “eu te convidei, mas vou te desconvidar. Vai surgir uma outra coisa. Eu vou ver o que eu posso fazer por você”. Falei: “Então tá!”. E o tempo passou...¹²

Com a promulgação da Emenda 45¹³, Cláudia Márcia convidou-me para ser a coordenadora do Serviço de Atendimento ao Cidadão do MPM, e aceitei.

Agora, vejam vocês, como as boas coisas vêm ao meu encontro. Eu fazia parte de um grupo de estudos de Direito Constitucional e confesso-lhes que me interessei, muito, pelo tema do ombudsman.¹⁴ Fiquei fascinada e comecei a ler a respeito. E a Cláudia me convidou para ser a Coordenadora do SAC! Aceitei, claro, toda feliz! E posso dizer a vocês que foi a melhor fase da minha vida, um espetáculo esse trabalho. Aquela função que exercia era meu trabalho, mas eu via em mim o modo que tinha de ajudar as pessoas, acolher o próximo.

Memória MPM – Não precisou transferir do Rio de Janeiro para Brasília.

¹² Promotor de Justiça Militar.

¹³ Em 2004, foi promulgada a Emenda Constitucional nº 45, que determina a criação de Ouvidorias no Poder Judiciário e no Ministério Público no âmbito da União, dos Estados e do Distrito Federal e Territórios.

¹⁴ Palavra sueca que significa representante do cidadão; é o mesmo que ouvidor.

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Não foi preciso. Comecei em uma salinha bem pequena, com uma estagiária. Quando os atendimentos eram presenciais, minha atuação era do seguinte modo: o manifestante chegava, eu ia à porta recebê-lo; assim, já sabia quem estava levando para a minha sala, fosse homem ou mulher. Primeiro, procurava deixar o manifestante tranquilo, oferecia água e café, conversava bastante, dizendo que ali era o lugar certo, e que deveria ficar descontraído, pois o momento era dele, e eu faria o que fosse possível para encaminhá-lo ao setor devido. E exercia a escuta com muito cuidado e atenção, pois o manifestante muitas vezes quer apenas ser ouvido. Não raro, passavam mais de duas horas em minha sala, recebiam a orientação, mas não apresentavam qualquer manifestação. Sempre respeitei. Jamais olhei meu celular, que ficava dentro da bolsa. Relógio? Para mim, não existia. O manifestante tinha que sentir que estava seguro. Muitos chegavam com medo, e eu dizia: “Aqui não há nada pra ter medo. Aqui é outro setor.” Eles: “A senhora não foi promotora?” Eu: “Sim, fui promotora, mas aqui é outro serviço. Eu estou aqui para ouvi-lo, com carinho, e encaminhar a sua manifestação para o setor que tiver que atuar em seu caso.” E assim foi. E sempre dizia, sorrindo: “Aqui é tranquilidade”.

Memória MPM – E que tipo de manifestações a senhora recebia?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Todo tipo de manifestação, dos mais diversos temas (denúncias, reclamações, pedidos de informação, agradecimentos e elogios). O que mais me gratificava era quando recebia mensagens, dizendo: “Muito obrigada pelo seu atendimento!” “Obrigada pelo pronto atendimento!” “É por isso que eu confio no Ministério Público!” Isso, realmente, me deixava

feliz, cada vez mais, certa de que fazia o meu melhor e de como é importante saber ouvir o outro, de exercer uma escuta qualificada e humanizada.

Memória MPM – Mas, em relação à atuação do MPM, chegava alguma coisa?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Recebi, apenas, três manifestações. Eu era chefe do Serviço de Atendimento ao Cidadão, mas, de fato, exercia as funções de ouvidor e uma delas deixou-me, particularmente, feliz porque reuni as partes, elas auto compuseram e terminou ali. Foi um trabalho muito bonito. Eu tenho boas histórias, sabe?

Memória MPM – Alguma que possa relatar?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Vou contar uma história com final feliz, com autorização do protagonista que permitiu citar seu nome e, ainda, perguntou-me se eu gostaria de receber a autorização escrita! Certa vez, recebi um manifestante, fiz o atendimento como sempre e tenho a impressão de que gostou, pois, de vez em quando, ele ia ao SAC e dizia: “Doutora vim fazer uma visita à senhora; outras vezes, telefonava: “Doutora, tô com saudade!” “Doutora, vou ser papai de novo!” Ficou meu amigo. Seu caso: ele havia passado em um concurso e, coisa e outra, foi rebaixado. Teria sido o primeiro lugar, mas cinco questões foram, indevidamente, anuladas, segundo ele, o que o prejudicou. E de um atendimento nasceu uma grande amizade. Até que o convidei para ir à comemoração de meu aniversário em 2017; ele conheceu meus familiares e amigos, entre eles, um grande administrativista. Ele fez

determinada pergunta ao meu amigo, que falou: “Olha, para você me fazer essa pergunta é porque você leu o meu livro, realmente.” Era um assunto do meio do livro. Esse rapaz, na ocasião, fazia mestrado, defendeu tese, foi aprovado, e sempre me procurou. Montou um curso preparatório para as Forças Armadas, e os primeiros lugares são do seu curso; já escreveu um livro, prefaciado pelo meu amigo. Vejam que bonito! Uma amizade para sempre, nascida de um atendimento no SAC/MPM. Dia desses, perguntou-me: “Doutora, a senhora lembra quando eu fui lá? Pois é, ali tudo começou”; disse que pensou: “Vou montar um curso, vou dar aula!” Amigos, essa função de atender ao ser humano é muito importante, e seu exercício é nobre; trata-se da porta de entrada do cidadão na Instituição.

Memória MPM – Como faria uma síntese de sua trajetória no MPM?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Primeiro, sempre fui, e continuo sendo, agraciada pela vida. Sou muito feliz e considero-me de sorte. As coisas boas acontecem pra mim, sabe? Vêm de um jeito como nunca pensei. Vejam vocês, eu estava aposentada, há nove anos, quando fui convidada para ser chefe de Gabinete da Maria Ester. Anos depois, a Cláudia Márcia convidou-me para ser a coordenadora do Serviço de Atendimento ao Cidadão do MPM, e tive a honra de ser mantida como chefe do SAC pelo Marcelo Weitzel e pelo Jaime de Cassio Miranda, quando procuradores-gerais de nossa Instituição; (algum tempo depois, minha função foi renomeada para Chefe do Serviço de Atendimento ao Cidadão). Acabei ficando nove anos nesse setor. Vi a criação do Conselho Nacional dos Ouvidores do Ministério Público, embora tenha começado a frequentar as Reuniões a partir da terceira Diretoria. Fui convidada

para atuar em duas Diretorias, como secretária. Entre uma e outra, um colega, ouvidor, perguntou-me: “Você gostaria de ser presidente do nosso Conselho?” É muita honra, não é mesmo? Declinei dos convites porque não era ouvidora, mas, ao contrário do que se possa imaginar, fui muitíssimo beneficiada, pois permaneci nove anos ininterruptos no CNOMP, onde muito aprendi e conquistei amizades que levarei para sempre. Representei a presidente do CNOMP na cerimônia de comemoração dos 10 anos de Ouvidoria do MPDFT, mediando um debate entre o Professor Rubens Pinto Lyra e o Ouvidor-Geral da União, José Eduardo Elias Romão. Passei por todos os presidentes daquele Conselho, até a minha saída, em 2017. Também integrei diversas Comissões de Estudos no CNOMP: Autocomposição, Enunciados (que presidi), Boas Práticas das Ouvidorias e Criação da Ordem do Mérito CNOMP.

Sou grata por tudo o que vivi. Muito mesmo. Procurei fazer o meu melhor, e não tive qualquer caso que se possa considerar extraordinário. Penso que foi uma excelente trajetória. Sempre tive prazer em exercer as minhas atribuições e, anos depois de aposentada, ainda recebi esses dois convites, que muito me honraram.

Quando estive na Procuradoria-Geral, foi um período ímpar; e, em minha despedida, todos da Procuradoria, inclusive da Subsede, fizeram uma linda festa, e meu sentimento foi dúbio: triste pela despedida, mas feliz por constatar que fui muito querida. Quando a Cláudia Márcia me convidou para ser a coordenadora do Serviço de Atendimento ao Cidadão, foi o ápice!

Tive meu nome aprovado para receber a Comenda da Ordem do Mérito CNOMP e, para coroar minha trajetória, fui convidada por minha grande

amiga Rose Meire Cyrillo, promotora de Justiça e ex-ouvidora do MPDFT, a escrever um artigo para compor uma coletânea sobre a temática Ouvidoria, prestes a ser publicada pela Editora Dialética. Em 2017, outra grande amiga, Georgea Marcovecchio Guerra, promotora de Justiça e diretora-presidente da Fundação Escola Superior do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, convidou-me a escrever um trabalho em parceria com ela, quando integramos a Comissão das Boas Práticas das Ouvidorias, no CNOMP. Senti-me prestigiada com o honroso convite. Agora, com o irrecusável convite da querida Rose Cyrillo, também convidei minha amiga Georgea, que logo se dispôs a mais essa empreitada comigo. Lembramos de nosso trabalho escrito há três anos, o atualizamos inserindo algo mais sobre tão importante tema. Também convidamos nosso amigo Carlos Airton Coelho, técnico processual do MPRJ e supervisor da Ouvidoria daquela Instituição, que muito se animou em dar a sua contribuição para nossa obra, que será publicada sob o título: “Governança e as Boas Práticas das Ouvidorias”. Uma verdadeira glória, vocês concordam?

Memória MPM – E dessa última vez, o que a motivou a deixar o MPM?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Fui, com minha família, fazer um cruzeiro pelas Ilhas Gregas, em celebração às bodas de ouro de um casal amigo. Nesse cruzeiro, fui apresentada àquele que hoje é o meu marido. Gente, isso é só comigo! Foi em julho de 2017, manhã de uma sexta-feira; o cruzeiro terminava no domingo. Ficamos juntos a partir dali, apresentei-o aos meus familiares, e ele convidou-me para jantar com a irmã e o cunhado, que estavam com ele. Domingo, término do cruzeiro, ele foi do porto para o aeroporto; eu

ainda fiquei com minha família em Veneza. Ficamos nos correspondendo, e o convidei pra ir ao Rio, passar o Natal comigo e minha família. Ele topou e logo comprou os bilhetes. Vocês acreditam que do aeroporto ele teve que voltar? Ele não tinha tirado o visto para o Brasil. Confesso que não me lembrei do visto, nem ele. Resultado: não embarcou! Ele ficou arrasado e eu também, pois tínhamos preparado tudo com muito carinho para recebê-lo.

Acontece que sou uma mulher corajosa. Vieram os feriados de Carnaval no Rio, e fui para Los Angeles, sozinha, sem medo de ser feliz. Fui maravilhosamente recebida e em alto estilo! Nesse Ínterim, ele tirou o visto e, em março, foi para o Rio, conhecer minha família e amigos mais próximos. Em abril voltei a Los Angeles; ele já tinha programado uma outra viagem de férias com a família, para a Nova Zelândia e disse-me que gostaria que eu fosse com eles.

Resolvi dar uma oportunidade para a felicidade, e o caminho encontrado foi solicitar minha exoneração do MPM, pois iria para Los Angeles no início de setembro. Precisava organizar minha vida e, ainda, estava mudando de apartamento. Nossa viagem começou no final de outubro e foi até meados de novembro.

Memória MPM – Já conseguiu o GreenCard?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Eu vim para cá, e nós esquecemos. Eu estava como turista e podia ficar por seis meses; no final de maio, lembrei-me de que meu visto acabaria em meados de julho; eu não queria casar em julho, porque entendo que não ficaria bem casar em cima do término do visto. Quando eu

era advogada, nunca gostei de apresentar alguma peça no último dia útil do prazo; às vezes acontecia, mas eu não gostava.

Aqui, quando se ingressa com a documentação para o casamento, o Notário já encaminha para a Imigração.

O processamento do visto está transcorrendo normalmente. Acho que em março sai o meu GreenCard. Já tenho identidade provisória, recebi meu social security number e já posso trabalhar, se quiser.

Memória MPM – E as outras atividades que desenvolvia no Rio de Janeiro, como a dança. Conseguiu dar continuidade?

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Pois é... Pretendo retornar à dança, tão logo seja possível. Por enquanto, danço zumba, que é uma atividade altamente aeróbica e muito animada. Estou gostando demais e já dominei o pedaço (risos). Brasileira, vivendo intensamente a dança, é só animação!

Memória MPM – Doutora Lucia, agradecemos pelo seu depoimento, foi muito boa a conversa.

Lucia Beatriz de Mattos Cone – Eu que agradeço a vocês. Muito obrigada, por me fazerem recordar belas passagens de minha vida junto a essa maravilhosa Instituição, Ministério Público Militar!